

Na luta e na resistência: a realidade das mulheres entregadoras por aplicativo¹

Ana Cláudia Bessa²

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

O presente trabalho apresenta uma parte dos dados obtidos em pesquisa para dissertação de mestrado que aborda a experiência de trabalho das entregadoras por aplicativo. A investigação se concentrou na perspectiva feminina de gênero dentro da atividade exercida pelas mulheres através das empresas de plataformas digitais, explorando as nuances no desempenho da função em busca de renda. A partir dos relatos das próprias entregadoras foram verificadas questões que abordam riscos, desigualdade, insegurança e esforço para equilibrar trabalho e vida pessoal. Dimensões que são cruciais para entender as realidades femininas no exercício de uma atividade predominantemente desempenhada por homens. Paralelamente, as plataformas digitais de entrega refletem a lógica neoliberal que exacerba as dinâmicas machistas e patriarcais do mercado de trabalho. Dentro deste cenário, este trabalho se concentrou em apresentar quadros elaborados com os dados de perfil e questões que afetam a vida das trabalhadoras e exacerbam desigualdades de gênero. Considerando as lutas dessas mulheres, a pesquisa destaca também ações que configuram tanto resiliência como resistência das trabalhadoras diante de condições adversas e da necessidade de políticas e ações que promovam igualdade de gênero para que as entregadoras possam atuar com dignidade e segurança.

Palavras-chave: mundo do trabalho, entregadoras por aplicativo, empresas de plataforma, uberização, desigualdade de gênero

Introdução

O trabalho por aplicativo vem crescendo em todo o mundo. No Brasil não tem sido diferente. Embora seja uma atividade que é dominada pela atuação masculina, as mulheres estão se fazendo presentes no dia-a-dia das entregas – não somente de bicicleta, mas também de moto – por meio das plataformas digitais. Mesmo e apesar das desvantagens determinadas pelo gênero, elas se sentem estimuladas a buscar trabalho e renda nas novas formas de trabalhar da era informacional.

Este trabalho se refere à pesquisa para dissertação de mestrado em Sociologia e Antropologia voltada a investigar esta dimensão da atividade por aplicativo quando desenvolvida por mulheres entregadoras. A pesquisa intitulada “Um trabalho arriscado. A experiência de trabalho das mulheres entregadoras por aplicativo” (2024)³, considerou suas peculiaridades e complexidades dentro da

¹ Trabalho apresentado na 13ª Semana de Ciências Sociais da PUC-Rio (Ano: 2024) e se refere à Dissertação de Mestrado em Sociologia e Antropologia (2024) intitulada “Um trabalho arriscado. A experiência de trabalho das mulheres entregadoras por aplicativo”.

² Ana Cláudia Bessa é doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS-UFF), Mestra em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA-UFRJ e Bacharela em Sociologia pela UFF.

³ Bessa, Ana Cláudia. “Um trabalho arriscado. A experiência de trabalho das mulheres entregadoras por aplicativo” / Ana Cláudia Bessa - Rio de Janeiro, 2024. 145 f.

modalidade que está modificando a dinâmica de como as pessoas estão trabalhando e obtendo renda dentro da informalidade, tendo cada dia maior adesão de trabalhadores e trabalhadoras⁴.

Neste sentido, é de fundamental importância enfatizar que ao investigar as condições de uma atividade quando exercida por mulheres, estamos também analisando os desafios enfrentados pelas entregadoras e os marcadores sociais de diferença entre homens e mulheres neste mercado. Com isso, este trabalho mostrará uma das perspectivas abordadas na pesquisa através de uma explanação dos quadros elaborados com os dados coletados nas entrevistas⁵.

Considerando que já é fato dado que as questões e realidade do trabalho de entregas exercido por mulheres apresenta diferenças quanto ao mesmo trabalho quando exercido por homens, a pesquisa buscou captar a perspectiva feminina dentro desta atividade, como lugar de existência social e econômica para essas mulheres. A desigualdade estrutural de gênero, segurança, oportunidades, assédio, remuneração e equilíbrio entre trabalho e vida pessoal são aspectos recorrentes e, também nesta atividade, precisam ser compreendidos. Ao observar a realidade dessa modalidade de trabalho pela dimensão feminina de gênero e seu processo de organização – através dos depoimentos das próprias entregadoras – considerando a configuração do trabalho imposta pelas empresas de plataforma, podemos proporcionar uma ampliação a respeito das análises sobre este fenômeno da contemporaneidade.

Para isso, em primeiro lugar, é importante mensurar o tamanho e a representação numérica que as mulheres têm dentro deste mercado. Como já existem diversas pesquisas quantitativas sobre a população de entregadores e entregadoras no Brasil, optamos por fazer um levantamento dos dados apurados por algumas das principais pesquisas quantitativas divulgadas sobre estes/as trabalhadores/as de forma a ter uma visão cifrada do cenário atual.

Como podemos observar no quadro 1, segundo dados das pesquisas quantitativas relacionadas, fica claro que a quantidade de mulheres que atuam na atividade é consideravelmente inferior à quantidade de homens. Essa informação em si, já mereceu atenção e levou à busca para identificar quais poderiam ser os principais motivos para essa diferença e, em que medida, isso acontece por uma questão específica de gênero.

Quadro 1: Dados sobre entregadoras em pesquisas quantitativas feitas no Brasil

Regiões	Quantidade de entregadores	Homens	Mulheres	Data	Fonte
Brasil	385742	Não consta	Não consta	2023	Centro brasileiro de análise e planejamento – CEBRAP
Brasil	322 mil motociclistas que fazem entregas, 222 mil mototaxistas e 55 mil trabalhadores que	94,1%	5,9%	2022	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA/PNAD/IBGE

⁴ Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea, em 2015 haviam 56 mil trabalhadores de entrega por aplicativo – independente do sexo – e esse número saltou para 366 mil em 2021. Um aumento percentual superior a 500% em seis anos. Ver mais em <<https://www.ipea.gov.br/porta/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15073-estudo-revelaprecarizacao-das-condicoes-de-trabalho-de-motoristas-e-entregadores-por-aplicativos>>. Acessado em 20 Jul. 2024.

⁵ Todos os quadros apresentados neste trabalho foram elaborados para a pesquisa e constam na referida dissertação de mestrado.

Regiões	Quantidade de entregadores	Homens	Mulheres	Data	Fonte
	usam outro meio de transporte para entregar produtos				
Sudeste	189 mil entregadores/moto (58,7% em relação às demais regiões)	Não consta	Não consta	2022	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA/PNAD/IBGE
Brasil	950024	95,70%	4,30%	2020	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE
Sudeste	453200 (47,7%)	Não consta	Não consta	2020	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE
Brasília (DF)	10 a 15 mil motoboys e motogirls	92%	8%	2020	Central Única dos Trabalhadores – CUT/Organização Internacional do Trabalho – OIT
Recife (PE)	24 mil entregadores e entregadoras	80%	14%	2020	Central Única dos Trabalhadores – CUT/Organização Internacional do Trabalho – OIT
SP	6377	99%	1%	2019	Associação Brasileira do Setor de Bicicletas – Aliança Bike
SP	Não achei os dados, nem o link do relatório, somente menções	x	x	2022	SP: CPI dos aplicativos
RJ	Não encontrei dados	x	x	x	x

Dados coletados em 19/08/2023.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/2023), em termos de números absolutos, essa população total de entregadores/as, independente do sexo, corresponde a 589 mil pessoas. Ou seja, mesmo que significativamente minoritárias – com um percentual que varia entre 1 e 14% dessa população –, a quantidade de mulheres na atividade pode chegar a mais de 80 mil pessoas.

Com isso, a pesquisa com as entregadoras revelou os desafios enfrentados pelas mulheres neste contexto, identificando os obstáculos à promoção da igualdade de gênero e à criação de ambientes de trabalho mais inclusivos e equitativos para as trabalhadoras de entregas por aplicativo. A análise explorou as nuances entre resistência, resiliência e conformidade diante de condições opressivas e restritivas ao desenvolvimento pessoal e profissional das mulheres, especialmente,

considerando suas responsabilidades financeiras dentro das famílias. São dados que contribuem para uma compreensão mais profunda das perspectivas e realidades das entregadoras por aplicativo, buscando estratégias que promovam a igualdade de condições com os homens nesta atividade.

Dados e análise de resultados

A importância dos estudos sobre o mundo do trabalho se dão diante do contexto de transformação das formas de vinculação trabalhista – cada dia mais flexível e sem proteções sociais – e das configurações sociais, políticas e econômicas em que essas transformações estão inseridas. A plataformação e *uberização* do trabalho – ou *uberismo* – com as empresas de aplicativos e seus trabalhadores e trabalhadoras, precisam ser analisadas a partir da financeirização do mercado, da digitalização e do neoliberalismo.

(...) um regime de mobilização e controle da força de trabalho que se apoia na espoliação radical dos direitos trabalhistas via a “plataformização” do trabalho, isto é, a submissão dos trabalhadores ao despotismo da “nuvem algorítmica” monopolizada por startups capitalizadas por fundos de investimentos de risco. Em síntese, um modelo de exploração do trabalho que se serve de tecnologias digitais para espoliar direitos trabalhistas. (Santana, 2021, p. 192)

O estudo utilizou metodologia qualitativa para coletar dados por meio de entrevistas com entregadoras por aplicativo. A técnica utilizada para seleção de participantes foi a denominada “bola de neve”, uma técnica particularmente útil quando se pesquisa populações difíceis de alcançar, como grupos minoritários, e, por isso, se encaixou no estudo para investigar as entregadoras por aplicativo. As entrevistas remotas foram concedidas por 10 entregadoras – dos estados RJ, SP, PE e PB – entre 25 de agosto e 05 de dezembro de 2023.

A informação sobre as pesquisas quantitativas – relacionada com os dados apresentados no quadro 2 – mostra que as entregadoras não têm muita convivência com outras entregadoras durante seus turnos de trabalho. Uma situação peculiar e que confirma que na maior parte dos casos, são sempre poucas mulheres e muitos homens nos pontos de espera e coleta de pedidos

Os casos em que as mulheres convivem com mais entregadoras se referem a mulheres que trabalham ou participam de movimentos sociais de representação da categoria. E, como poderemos ver mais à frente, a solidão feminina neste trabalho é uma situação que define outras, como as que se referem a segurança e comportamento. Logo, diante da presença majoritária de homens, a participação das mulheres é quase que invisível. Sendo, então, de fundamental importância dialogar com os estudos de interseccionalidade que compreendem e articulam gênero, raça e classe como categorias centrais para explicar as desigualdades persistentes (Rios; Sotero, 2019).

Quadro 2: Convivência entre mulheres nas entregas por aplicativo

Convivência entre mulheres entregadoras
Convive pouco
Sempre se sentiu muito solitária porque era muito difícil encontrar outras mulheres. "Se eu achasse uma a cada mês, era muito, assim, era muito solitário neste sentido". (Ex-entregadora Luíza Helena Rizzo Perez/ 26 anos/ RJ)
Raramente encontra mulheres. No máximo uma. (Entregadora Gleyce de Oliveira Cavalcante/32 anos/SP)
No ponto onde começou a trabalhar, era ela e mais duas. "Conheço no máximo 5 meninas". (Ex-entregadora Thuane Jesus da Silveira de Paula/22 anos/RJ)
Conhece bem poucas . (Entregadora Luísa Casado Marques/30 anos/RJ)
Poucas . (Entregadora Bolão / PE)
Onde ela trabalha só tem ela de mulher, mas conhece outras da região. (Entregadora Vanessa Ferreira dos Santos/33 anos/ RJ)
Se comparar em um grupo de motoboys onde eu participo de 50 homens, não passa de 5 mulheres . (Entregadora Luciana Araújo / 46 anos/ RJ)
Convive muito
Conhece várias mulheres por conta de um curso de direção defensiva. Através do sindicato. (Entregadora Bruna Gabrielle Vasconcelos/ 28 anos/PE)
Na associação tem 28 mulheres e tem um grupo com mais de 40 e em João Pessoa deve ter em torno de 400 entregadoras . (Entregadora Mirian de Araújo Confessor/34 anos/PB)
Quando ela começou tinha bem poucas, 5 ou 6 mulheres, hoje tem bem mais , mas ainda é bem menos se comparada a quantidade de homens. (Entregadora Cynthia Taumaturgo Carrazoni / 38 anos/PE)

Como podemos ver a seguir no quadro 3, as entregadoras são solteiras em sua maioria, se apresentam na faixa entre 22 a 46 anos. No que se refere à escolaridade, elas se dividem entre ensino médio completo e superior completo, o que também pode se apresentar em virtude do sexo e também da região pesquisada. Mas, de todo modo, chama à atenção uma taxa significativa de mulheres com o ensino superior completo – ou em andamento – em uma atividade que não exige qualificações.

O aplicativo mais usado é *ifood* e a motocicleta é o principal modal. A partir dessas informações, poderemos analisar com mais profundidade outros dados coletados na pesquisa, contribuindo para a interpretação e compreensão das condições de trabalho das mulheres entregadoras. Desta maneira, podemos ver como as informações sobre perfil podem ajudar a elucidar outros aspectos sobre essas trabalhadoras, como o tempo que elas dedicam ao trabalho e, em que medidas, as limitações – como é o caso da remuneração – são definidas por questões ligadas ao gênero feminino.

Quadro 3: Perfil das entregadoras

	Nome	Escolaridade	UF	Idade	Estado Civil	Filhos	Modal
1	Luiza Helena – participou do movimento “Entregadores Antifascistas”	Graduação	RJ	26	Solteira	Não	Bicicleta
2	Gleyce	Graduação	SP	32	Separada	2	Moto
3	Thuane	Ensino Médio	RJ	22	Solteira	Não	Bicicleta
4	Bruna – atua no SEAMBAPE como secretária das mulheres entregadoras e LGBTQUIAPN+	NI	PE	28	Vive junto	Não	Bicicleta e moto
5	Luísa Casado	Graduação	RJ	30	Casada	Não	Moto
6	Bolão	NI	PE	NI	Solteira	Não	Moto
7	Vanessa	Médio Incomp.	RJ	33	Solteira	1	Moto
8	Luciana	Ensino Médio	RJ	46	Casada	1	Moto
9	Mirian – presidenta da AMEN	Ensino Médio	PB	34	NI	1	Moto
10	Cynthia – integrante da diretoria do grupo “Motogirls JP”	Graduação	PB	38	Solteira	Não	Moto

Um exemplo é o da entregadora Mirian (34 anos/ PB) – que tem um filho menor de idade – se sente prejudicada por considerar que ela é afetada por causa dos *scores* e *likes*⁶. Ou seja, se o tempo que ela passa *logada* determina o quanto ela ganha, ela acaba ganhando menos, pois fica menos *logada* porque tem muitas responsabilidades domésticas. Ela relata que “para chegar a subir o *score*⁷, você tem que, praticamente, se escravizar e trabalhar pela madrugada”. O que para mulheres é uma limitação, tanto se considerar os filhos menores, como pela segurança.

O que nos leva ao quadro 4, a seguir, onde é possível verificar as condições familiares e de sustento que foram declaradas nas entrevistas. Estes dados nos ajudam a correlacionar as dinâmicas que se estabelecem entre a vida familiar e a atividade de entregas. Analisando as informações, vemos que apenas uma delas declarou que mora sozinha, enquanto três delas são as únicas ou principais responsáveis financeiras da família. A maioria divide despesas com outra pessoa e declarou não ter filhos.

⁶ *Scores* são as avaliações da plataforma. *Likes* são as avaliações dos clientes a cada entrega. Quanto mais entregas, maior possibilidades de pontuação/ *scores*.

⁷ *Logado* vem do termo em inglês *logged* que seria “registrado” ou “conectado”. É a ação de um usuário que se identifica através do nome de usuário e senha, para ter acesso ao seu cadastro em um determinado *site*, programa ou aplicativo.

Quadro 4: Dados sobre vida, família e sustento

Entregadora	Condição familiar	Estado Civil	Filhos
Luíza Helena	Mora sozinha	Solteira	Não
Gleyce	Ex-marido sustenta a casa /filhos	Separada, mas ainda mora com o ex-marido	2
Thuane	Mora com os pais, divide despesas	Solteira	Não
Bruna	Divide despesas, mora com outra pessoa	Mora junto	Não
Luísa Casado	Mora com a esposa e com a mãe, divide despesas	Casada	Não
Bolão	Mora com outra pessoa, divide despesas	Solteira	Não
Vanessa	Principal provedora da família	Solteira	1
Luciana	Divide despesas com o esposo	Casada	1
Mírian	Única responsável pela família	Não informou	1
Cynthia”	Única responsável financeira da casa	Solteira	Não

Estes dados mostram sobre a questão do cuidado e da divisão de despesas, ao mesmo tempo que também mostra que – ao contrário do que poderia ser dado como estabelecido – a maternidade é uma realidade para a minoria delas. Neste quesito, consideramos, então, que o cuidado e a maternidade são questões que devem ser analisadas separadamente. Até porque, como visto, elas compartilham a rotina e as despesas de suas casas com outras pessoas. O que se repete no caso das entregadoras que são mães pois duas se declararam casadas ou que contam com a ajuda do companheiro. E, duas delas não têm outra pessoa com quem dividam a responsabilidade. Sendo assim, independente da maternidade, elas também contam, em alguma medida, com a presença de outra pessoa na rotina e na renda. Contudo, como estamos analisados questões de gênero, importa pontuar que essa não é exatamente a caracterização de uma situação exclusivamente feminina, se pensarmos em responsabilidades financeiras ou, ainda, em responsabilidade principal sobre a provisão do lar porque isso também cabe a muitos homens.

Mesmo assim, não podemos deixar de entender que, no que se refere ao cuidado, esta é uma dimensão que, historicamente, é atribuída ao feminino. Davis (2016) é enfática em afirmar que essa condição expressa não apenas uma subordinação feminina em relação ao masculino, mas que é também útil ao capitalismo pois permite ao homem trabalhador estar sempre mais disponível para atender ao seu patrão. Assim como, a mulher ainda serve de ferramenta formadora de futuros/as trabalhadores/as. Um argumento que reforça a justificativa da dificuldade em promover a ascensão social e financeira de mulheres que precisam estar disponíveis, sendo pouco, ou nada remuneradas na função doméstica e cuidadora. O que caminha em importante paralelo com questões que afetam as entregadoras por aplicativo. Relacionando-se, então, a essa questão, o quadro 5, a seguir, foi elaborado para descrever as respostas dadas sobre a rotina de trabalho das mulheres entregadoras.

Quadro 5: Dados sobre rotina de trabalho

Entregadora	Dias/semana	Horas/dia	Folgas	Volume de trabalho p/meta
1	7	14	Não folga	Muitas entregas
2	2-3	1 entrega	Finais de semana	2-3
3	7	15	Não tinha	Tinha que ficar disponível
4	6-7	15	Nem sempre consegue	O que precisar para a meta
5	5	5	Tem outro trabalho	Trabalha no fim de semana
6	5	5	Finais de semana	Única a atuar c/ passageiros
7	7	3	Não folga	x
8	7	Não mencionou	Aleatório	x
9	6	6	Segunda-feira	x
10	7	Não mencionou	Não folga	x

A sua rotina se mostrou bastante desgastante pois elas se dedicam por muitas horas, sem quase ter folgas. Isso revela um forte perfil de autogerenciamento de indivíduos, caracterizado pelo fato de que são elas mesmas as únicas responsáveis resolver as necessidades de suas vidas e de suas famílias. O conhecido dilema do empreendedor de si mesmo que, ao não trabalhar, não ganha. Elas, assim como os homens, dedicam o tempo necessário para bater suas metas, porém, como mencionado, com a desvantagem de que ficam menos logadas e, com isso, ganham menos.

As entregadoras se dedicam de seis a sete dias por semana, até 15 horas por dia, sem folgas. Assim, é importante considerar se é viável associar a função de entregadora, seus perigos e exigências de tempo – para garantir o mínimo necessário para atingir as metas diárias – ao fato de que essa atividade pode não ser adequada para mulheres, especialmente, quando possuem filhos. Este dado pode ser um indicador relevante para as poucas mulheres já quantificadas – no quadro 1 – fazendo este trabalho.

Para fazer outro contraponto, apenas uma das entregadoras, declarou que trabalhava pouco e obtinha um valor que a atendia. Contudo, ela trabalhava como “fixa⁸” em uma empresa de entregas de mercadoria que só utiliza entregadoras do sexo feminino. Mas que configura um aspecto que apareceu em outras respostas, no que se refere à necessidade e vantagens de ser entregadora fixa em paralelo ao trabalho por aplicativo pra se obter uma renda mais satisfatória e ter uma rotina, relativamente, menos extenuante. Portanto, uma deficiência em termos de segurança e a dificuldade de haver um bem-estar no trabalho, são fatores que, aliados a incerteza constante, comprometem sua saúde mental, principalmente, nos primeiros meses de cadastramento nos aplicativos. O período inicial de construção do *score* – ou de “esquentar a conta”, como costumam se referir, é bastante difícil. Além de mal – ou nada – remunerado.

Ponderando neste sentido, analisar o que as entregadoras consideram como vantagens e desvantagens da atividade pode fornecer dados expressivos para a investigação, ainda mais, se fizermos uma reflexão também ancorada nos papéis sociais femininos. Aliado a isso, também é

⁸ Termo usado pelas próprias entregadoras para esta condição de trabalhar como contratadas para entregas em empresas e comércios sem intermediação das plataformas.

necessário pensar sobre esse dado como um fator limitante para a atuação da mulher no mercado de trabalho, considerando que as mulheres ainda ganham menos que os homens e estão em maior vulnerabilidade – incluindo fome e pobreza. Por isso, dentro dessa perspectiva feminina de gênero, há a constatação recorrente da inferioridade das mulheres, assim como das entregadoras, em relação aos homens nas mesmas atividades.

Segundo a escritora, economista e diretora nacional de Economia, Igualdade de Gênero do Ministério da Economia da Argentina, Mercedes D'Alessandro, apesar de as mulheres terem conquistado mais postos de trabalho e se libertado do espaço doméstico, a segmentação por sexo quase não mudou no último século, as principais ocupações continuam sendo de empregada doméstica, enfermeira e professora. E inclusive nas referidas profissões, ganham menos que os homens (D'Alessandro, 2021). A autora também comenta sobre a dupla jornada de trabalho enfrentada pelo gênero feminino em tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, o que consequentemente caracteriza uma pobreza de tempo, como tempo custa dinheiro, isso também aclara o fato de mulheres estarem em maior situação de vulnerabilidade econômica. (Souza, 2020, p. 21)

Além de ter ficado claro que há mais desvantagens do que vantagens, essas desvantagens estão diretamente ligadas à qualidade de vida e segurança, ou seja, riscos para as mulheres, conforme mostrado no quadro 6, abaixo.

Dentre as vantagens citadas, uma delas é interessante evidenciar pois se refere a uma dicotomia no que tange à segurança. Alusivo a clientes, as entregadoras são consideradas mais confiáveis, tanto como clientes, quanto como entregadoras. Ou seja, se no decorrer do trabalho, como entregadoras, elas correm riscos à segurança própria por serem mulheres, por outro lado, ser mulher, se configura como uma vantagem no trabalho para segurança de clientes, sejam homens ou mulheres.

Quadro 6: Dados sobre vantagens e desvantagens

Vantagens	Desvantagens
Exercício físico - "coxa grossa".	Cansativa, principalmente de bicicleta.
Dinheiro rápido.	Alimentação ruim.
Por pouco tempo.	Saúde mental afetada.
Flexibilidade de horário.	Risco normal de acidentes.
Autonomia para negar trabalho.	Sobrecarga feminina - tripla jornada.
Conciliação com rotina dos filhos.	Preconceito com mulheres.
Clientes confiam mais em entregadoras.	Fragilidade de mulher.
Não ter obrigação de horário.	Passageiro homem.
Liberdade.	Não tem segurança.
Não vê vantagens.	Não tem plano de saúde.
Mulher consegue ter uma moto.	Não tem previdência.
Ser independente.	Muitas.
Optar por escolhas pessoais e profissionais.	Perigos da noite.
Não ter patrão no pé.	Assédio.
	Assalto,
	Mulher é alvo mais fácil.

Vantagens	Desvantagens
	Não tem seguridade nenhuma.
	Se não trabalhar, não ganha.
	Se não trabalhar 12 horas, não consegue o mínimo

A entregadora Gleyce (32 anos/ SP) declarou que clientes demonstraram achar mais seguro quando são atendidos/as por entregadoras mulheres. Sendo assim, olhando este cenário, um paradoxo interessante aparece: ao mesmo tempo que o trabalho é perigoso para mulheres, são elas que conferem mais segurança aos clientes. Fora isso, ficou visualmente evidenciado que há mais desvantagens do que vantagens. O que nos torna possível perceber que as desvantagens se alinham, diretamente, com a qualidade de vida e segurança feminina.

Em suma, podemos considerar que esses dados evidenciam uma persistente desvantagem de gênero na atividade por aplicativo, o que já é uma realidade dada no mundo do trabalho de forma geral. Por isso, é importante também relacionar as desvantagens ao fato de haver dificuldade em conviver outras entregadoras, demonstrado o quadro 2. Esse dado importa porque revela escassez numérica – quadro 1 – por haver desafios que as mulheres enfrentam para conseguir trabalhar.

Por outro lado, o individualismo – incentivado no neoliberalismo – que afeta e é interiorizado também por essas trabalhadoras – assim como pelos trabalhadores homens – contribui para a dispersão da categoria gerando falta de laços consistentes para uma coesão coletiva e solidariedade profissional. Com isso, aumenta a vulnerabilidade dessas profissionais diante dos riscos inerentes à atividade, mais que aos homens pois estes já possuem uma organização coletiva ativa e dominante. Um cenário que reafirma a urgência de abordar os problemas enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho e, assim, mitigar as disparidades de gênero, buscando garantir equidade e oportunidades também no setor de entregas por aplicativo.

Isso porque, de fato, as mulheres – ao indicar o trabalho, mesmo diante das desvantagens – demonstram que elas querem e precisam trabalhar⁹. Essa necessidade e desejo legítimos nos possibilitam compreender que diante da realidade que se impõe sobre todos os indivíduos, elas não querem ser excluídas de oportunidades de trabalho e renda que, as atendem no que se refere às suas necessidades mais urgentes.

Levando em conta que a realidade tem um peso que se impõe sobre os indivíduos, buscar caminhos que adéquem a atividade por aplicativo, atendendo ao que demandam as entregadoras, nos parece mais produtivo do que, simplesmente, defender a precarização como um valor insuperável da atividade por aplicativo. Por consequência, e para finalizar este trabalho, apresentamos, então, os quadros com as respostas que abrangem questões sobre a legislação trabalhista, mobilização coletiva e representação das entregadoras dentro da categoria. O quadro 7, abaixo, reúne os dados sobre o que as entregadoras pensam sobre a regulamentação da CLT¹⁰ em relação ao trabalho por aplicativo, uma avaliação imprescindível para pensar os rumos da categoria no mercado de trabalho formal/informal.

Por isso, logo em seguida, mostraremos o quadro 8, sobre os movimentos de classe. Ao analisar o quadro sobre a participação das entregadoras em movimentos de organização da categoria,

⁹ Não vamos entrar em detalhe sobre este dado para a discussão neste trabalho, mas cabe mencionar que a pesquisa detectou que a maioria das entregadoras (60%) recomenda a atividade para mulheres, mesmo diante das desvantagens. (Bessa, 2024)

¹⁰ Consolidação das Leis Trabalhistas, reformada em 2017.

observamos sua interação com os movimentos coletivos – principalmente, o “Breque dos Apps”, por sua relevância.

Tratou-se de uma primeira mobilização nacional cuja reivindicação, como dizem muitos/as entregadores/as envolvidos/as na paralisação, “pede o básico do básico”. A pauta apresentada publicamente pelo movimento de entregadores e entregadoras traz pontos como o aumento do valor mínimo da corrida, o aumento do valor por quilômetro percorrido, o seguro de vida e contra roubo e acidente, o fornecimento de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) como álcool em gel e máscaras, licença remunerada em caso de afastamento por contaminação pela covid-19 e o fim dos bloqueios indevidos.. (Braga; Santana, 2020)

Sendo assim, essa sobreposição de informações nos levou a correlação com a postura frente a CLT, no quadro 7, a seguir, e os dados sobre a relação com os movimentos sociais da categoria pra as trabalhadoras, mais à frente.

Quadro 7: Dados sobre a CLT

A favor	Contra
A maioria não quer relação trabalhista para não ter patrão e perder a flexibilidade. Ela prefere ter mais controle sobre si mesma, podendo ter direitos como trabalhadora formalizada. (Ex-entregadora Luíza Helena/ 26 anos/ RJ)	Não é importante. A liberdade de poder trabalhar quando quer é mais importante (Entregadora Gleyce/ 32 anos/ SP)
Outas explicam que não cabe CLT porque as plataformas vão pagar menos. Acha que poderiam criar uma forma de criar direitos iguais à carteira assinada, mas não tirar o direito de ganhar o valor necessário porque é um trabalho muito difícil e arriscado. (Ou seja, é uma opinião ambígua, pois não se declaram totalmente contra, mas desejam as proteções da CLT). (Ex-entregadora Thuane/ 22 anos/ RJ)	Hoje, não tem interesse porque considera melhor ter liberdade e autonomia sobre seu trabalho (Entregadora Bolão/PE)
Não tem direitos e proteção de acidentes e férias e 13º salário ou reconhecimento. Não concorda que é autônoma porque cumpre regras do aplicativo que se ela rejeitar, é prejudicada. Considera que isso é controle indireto (Entregadora Bruna/28 anos/PE)	Duas não expressaram opiniões
Acha que deveria ter porque é um serviço essencial que deveria ser mais valorizado pelo perigo (Ex-entregadora Thuane/22 anos/RJ)	Duas não expressaram opiniões
Sente falta de carteira assinada porque considera um seguro. Pela situação, ela vai morrer em cima de uma moto (Entregadora Cynthia Taumaturgo Carrazoni/ 38 anos/ PE)	x
Concilia um trabalho de entregadora com outro trabalho com carteira assinada (Entregadora Vanessa/ 33 anos/ RJ)	x

Fazer estes dois quadros possibilitou mostrar o contraponto entre as percepções de fatores que se cruzam diretamente. As respostas demonstram que as entregadoras por aplicativos não estão totalmente insatisfeitas com a falta de regulamentação. A falta de burocratização possibilita remuneração de forma imediata é uma dimensão muito valorizada no modelo de plataforma pois permite à trabalhadora ter liberdade e autonomia para adequar sua rotina doméstica e a busca por renda.

Quadro 8: Participação em manifestações e movimentos coletivos da categoria

Citações sobre o “Breque dos APPs” e paralisações	
Participou	Não participou
Participou do “Breque”, poucos atos no RJ e ela ajudava a incentivar e a mobilizar entregadores. Acha que o resultado é válido e traz resultados positivos. Muitas cooperativas e sindicatos surgiram para movimentar a área dos direitos trabalhistas que ainda não existem. Citou o governo atual, que tenta regulamentar. As empresas ganham muito dinheiro e não querem ceder. Considera que até o governo tem dificuldade de negociar com essas empresas. (Ex-entregadora Luiza Helena/26 anos/RJ)	Não participou do “Breque dos Apps”. Mas, hoje, ela entende o valor e a importância da paralisação, mas nunca participou. Hoje, ela entende de que só vai adiantar se todos aderirem. (Entregadora Bruna/28 anos/PE) Só vê notícias na TV a respeito. Se pudesse apoiar, apoiava. Não soube do “Breque dos Apps”. (Entregadora Luísa Casado /30 anos/RJ)
Participou, eles fizeram duas, foi no Centro e da outra ela participou não ligando o aplicativo. Acha que melhorou em alguns aspectos, mas para muita gente piorou, pois foram punidos depois do “Breque” porque desligaram o app ou ficaram sem receber entregas. Demorou um tempo para retomar o ritmo de entrega de antes. Ficou com medo de participar na segunda vez por causa da confusão. Vê importância de participar porque os entregadores reclamam da falta de direitos. Acha importante maioria aderir. Ela não se sentia representada pelos movimentos e nem acolhida nos atos. (Ex-entregadora Thuane/22 anos/RJ)	Nunca participou. Não acompanha e não sabe o que eles fazem. (Entregadora Gleyce/32 anos/SP) Não participa porque não viu em Recife um movimento desse tipo. Prefere a autonomia e a liberdade de determinar sua rotina. (Entregadora Bolão/PE)
Ela é presidenta da Associação e motogirls e entregadores (AMEN) e considera que em João Pessoa todo mundo se mobiliza em busca de trabalho justo para homens e mulheres. Considera a luta importante para receber o que é justo para o tanto que a gente trabalha. (Entregadora Mirian/34 anos/PB)	Nunca participou. Gosta da liberdade de horário por causa dos filhos. (Entregadora Vanessa/33 anos/ RJ)
Conhece e participa, é da diretoria do grupo “Motogirls JP” e já conseguiu algumas coisas com o governo. Não especificou o quê (Entregadora Cynthia Taumaturgo Carrazoni / 38 anos /PE)	Já presenciei, mas não participou da paralisação, porque não acredita muito que isso de jeito, sem falar que atrapalha o ganho do dia, pois as contas não param de chegar. (Entregadora Luciana/46 anos/ RJ)

As falas revelam que é uma experiência muito positiva a participação feminina dentro dos movimentos, mesmo dominado por homens. Porém, ao mesmo tempo que uma parcela significativa das entregadoras se mostrou engajada nestes movimentos coletivos, uma parcela, igualmente expressiva, não se interessa pelo assunto. Neste sentido, a relação entre trabalhadores/as e as empresas pode oscilar, em alguma medida, entre o conflito e consenso. Podemos relacionar essas perspectivas às suas visões de mundo e suas vivências frustradas em relação ao mundo do trabalho formal e regulamentado, desconectando a atividade de uma estrita formalização nos moldes da CLT. Essa divergência e resistência aos modelos de plataforma já estão dando frutos concretos nas formas de trabalhar nas entregas, através da criação de associações e cooperativas que se configuram como formas ambíguas entre resistência e concordância com o modelo digital para conceber melhorias em termos de condições de trabalho em novos caminhos de conformidade entre formalidade e informalidade (Grohmann, 2021).

As pautas femininas ainda não são tão relevantes dentro desses movimentos, embora haja alguma coisa. O que explicita as contradições que existem nestas relações entre necessidades, interesses e disputas de poder presentes nos processos de transformação social. O atual governo brasileiro já deu demonstrações de ter a intenção de buscar desenvolver regulamentações trabalhistas para as plataformas digitais e o principal objetivo foi debater legislações no documento “Coalizão Global pelo Trabalho”¹¹, o que demonstra a centralidade do tema na agenda global.

Com isso, a maioria das entregadoras (60%) recomenda a atividade para mulheres, enquanto 40% dessas recomendações têm a ressalva de que somente em caso de trabalho temporário ou até conseguir algo melhor. Os riscos relatados justificam que a atividade deva ser exercida enquanto houver grande necessidade. Como relata a entregadora Cynthia (38 anos/ PE), “a gente não tem seguridade nenhuma. Se passar uma semana dentro de casa, você não pode ficar em casa, período menstrual, chuva. O ambiente de trabalho é muito precário”.

Considerações finais

A pesquisa colocou em local de destaque a importância que tem a inclusão das mulheres nas análises sociais da atividade por aplicativo. A presença feminina levanta preocupações, questões e demandas específicas que mereceram uma observação cuidadosa que incluiu as disparidades de gênero que podem afetar negativamente essas trabalhadoras em busca de renda e sustento. As mulheres querem e precisam trabalhar. O que novamente nos remete a Polanyi (2000), a proteção das trabalhadoras e a reestruturação das relações de trabalho são essenciais para evitar a desintegração social e garantir uma economia que sirva ao bem-estar humano, em vez de submeter a sociedade às leis impessoais do mercado para equilibrar a liberdade do mercado com a necessidade de proteção social. Através de um controle democrático e de políticas públicas que mitiguem os efeitos negativos do mercado, a sociedade pode assegurar que benefícios do progresso econômico sejam amplamente distribuídos e que os valores humanos e sociais sejam garantidos, promovendo segurança, dignidade e cidadania às mulheres entregadoras.

¹¹ Ver mais em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyjwzd44x2no>>. Acessado em 20 set.2023.

Referências bibliográficas

- BESSA, Ana Cláudia. **“Um trabalho arriscado”**. A experiência de trabalho das mulheres entregadoras por aplicativo / Ana Cláudia Bessa. -- Rio de Janeiro, 2024. 145 f.
- BRAGA, Ruy; SANTANA, Marco Aurélio. #BrequeDosApps: enfrentando o uberismo. **Blog da Boitempo**. 2020. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/07/25/brequedosapps-enfrentando-ouberismo/>>. Acessado em 15 ago. 2022.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- GROHMANN, Rafael. **Os laboratórios do trabalho digital: entrevistas**. Boitempo Editorial, 2021.
- POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: as origens da nossa época**. 2º ed, Rio de Janeiro, Elsevier, 2000.
- RIOS, Flavia; SOTERO, Edilza. Gênero em perspectiva interseccional. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 26, n. 1, p. 1-10, 2019.
- SANTANA, M. A.. **Classe trabalhadora e política no Brasil**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras. v. 1. 200p, 2021.
- SOUZA, Marina Agudo de. **A velocidade da carne: mulheres que pedalam e trabalham; cartografia como dispositivo de visibilização**. 2020. 74 f. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Recursos em meios eletrônicos

- IPEA. Estudo revela precarização das condições de trabalho de motoristas e entregadores por aplicativos. 2024. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15073-estudo-revela-precariozacao-das-condicoes-de-trabalho-de-motoristas-e-entregadores-por-aplicativos>>. Acessado em 20 Jul.2024.
- Lula e Biden se unem por sindicatos e trabalhadores de aplicativos após tensão entre Brasil e EUA. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyjwzd44x2no>>. Acessado em 20 set.2023.